

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

O Liberal

Class.:

34

Data

21 de maio de 1990

Pg.:

Resgatando a língua materna amazônica

Nheengatu, palavra tupi que significa "língua boa". Para os brasileiros, a língua da colonização portuguesa na Amazônia. O dheengatu é o tupinambá modificado pelo processo de colonização. A língua materna do caboclo amazônico, do cabano. Bom não foi o seu destino: perder-se em pequenos pontos onde a floresta domina, onde o progresso apenas pisou de manso em seu rastro.

Em São Gabriel da Cachoeira, no alto rio Negro, em Tefé, ambos no Estado do Amazonas, fala-se dheengatu ainda, como em alguns lugares no Amapá e nas zonas de fronteiras com a Colômbia, Venezuela e Peru. Com um detalhe: a população não é monolíngüe. Falam dheengatu, como uma forma de resgatar a cultura, mas é o português, para o Brasil, e o espanhol, para os outros países, que ditam as regras.

A origem do dheengatu remonta o século XVII - ou o ano de 1616 - quando o projeto de colonização se estendeu para a Amazônia. O branco português colonizador não podia apenas impor seus valores, era preciso saber chegar até o nativo tupinambá, que dominava a costa brasileira. Foram, portanto os primeiros a serem contatados.

Os contatos, mostram a história, foi sangrento, mas, aos poucos, o colonizador conseguiu cooptar elementos nativos para efetivar o projeto de colonização. Em terra estranha, onde a maioria falava tupi, a única opção seria utilizar como língua oficial a do colonizado. Não se trata, portanto, de atribuir aos jesuítas a "invenção" de uma língua. Ela já existia, apenas foi modificada com introdução de alguns termos do português. O dheengatu é isto. A palavra mãe, do português, por exemplo, foi feita máya, o a final é próprio do tupinambá.

Mas nem por isso a colonização ia ser tão fácil. Os tupinambás eram muito heterogêneos e havia briga entre eles por diversos fatores. Primeiro era a luta contra invasor, mesmo que este tentasse falar sua língua. Não estava em jogo o processo de aculturação, mesmo porque não tinham consciência disso, mas sim as terras.

A segunda luta, e isto mostra certa contradição, se dava pela escolha dos índios em apoiar este ou

aquele invasor. Uns estavam ao lado dos portugueses, outros dos franceses e assim o processo ficava difícil. Mas em dois séculos e meio de colonização estava posta a verdade em pratos limpos: a resistência indígena foi a causa da rápida extinção do povo que dominou o país de ponta a ponta. Hoje não há mais tupinambás para contar história.

O dheengatu, no processo de colonização amazônica, tornou-se língua impositiva para as tribos de outros troncos lingüísticos, como o Jê e o Aruak. O resultado desta imposição foi a criação de uma nova cultura. O uso social e político da língua é capaz de determinar a modificação dos valores culturais, como aconteceu às outras tribos indígenas na Amazônia.

Era Pombalina

Uma segunda fase da colonização, o século XVIII, conhecido como a Era Pombalina, expõe ao colonizador o raio x de sua colônia. Estava dividida em dois brasis: um, ao Sul, que sofria o processo de aportuguesamento, e outro, ao Norte, totalmente indígena. Era uma situação alarmante para os portugueses, no Norte, saíam de seus gabinetes e encontraram nos corredores, nas ruas, nos pátios, a população que falava dheengatu.

Por isso, o Marquês de Pombal tomou medidas drásticas para "corrigir" os rumos que o processo tinha tomado. Primeiro, expulsou os jesuítas. Segundo, proibiu o uso da língua indígena nas escolas, nas igrejas e modificou o nome de algumas cidades na Amazônia, nitidamente indígenas. A cidade de Santarém, por exemplo, tinha um nome indígena. Com isso, dava o primeiro golpe no dheengatu, o que culminaria em seu gradual desaparecimento.

Os rumos que tomou a História mostram que outros golpes seriam deferidos contra a língua boa do caboclo. O primeiro foi a Cabanagem. Caboclos e tapuios falavam dheengatu, mas, ao serem dizimados no movimento, levaram consigo a língua materna. O segundo foi na época da borracha. Na tentativa de preencher o vazio demográfico deixado pela Cabanagem, o governo atraiu para cá os nordestinos, que falavam português. E assim, a extinção do dheengatu, observando geograficamente, se deu no mesmo

Alguns exemplos do Nheengatu

- Inexistem palavras com F, V, Z e L, a não ser as emprestadas do português.
- Não há conjunções. Fala-se, por exemplo: Ele foi, voltou, no lugar de Ele foi e voltou.
- Não há voz passiva. Não se fala "os índios foram destruídos pelos brancos" e sim "os brancos destruíram os índios".
- Morfologicamente, além dos pronomes possessivos, há os prefixos de posse que antecedem o substantivo. Por exemplo, minha casa. Em dheengatu, se ruka, onde 'se' é o pronome, o r é o prefixo de posse e uka é casa.
- Há um dialeto sexual. Em alguns casos de parentesco, por exemplo, o pai diz para o filho ou para a filha: se taira (meu filho ou minha filha). A

- mãe diz: se imbirá (meu filho ou minha filha). O irmão diz: se mû (meu irmão), se rendira (minha irmã). A irmã diz: se kiwira (meu irmão), se amû (minha irmã).
- Há diferença, em relação ao português, na ordem das palavras nas frases. A roça do tio da minha mãe - se máya tutira kupichá (roça tio mãe minha).
- Os verbos não são flexionados. Na frase Iche ambaú putai pirá (Eu quero comer peixe), o verbo mbaú pode ser utilizado para todas as pessoas, desde que tragam a partícula que demonstre o pronome pessoal reto. No exemplo, o primeiro a de ambaú é a primeira pessoa do singular do verbo comer.

O estudo do sistema sonoro do Nheengatu está sendo feito há quatro anos pelo pesquisador Luis Carlos Borges



Foto Marcos Nascimento

PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA GERAL



sentido da colonização amazônica, ou seja, de Leste para Oeste.

Pesquisa

O estudo do sistema sonoro do dheengatu vem sendo feito há quatro anos pelo pesquisador Luis Borges, da área de Lingüística do Departamento de Ciências Humanas, do Museu Emílio Goeldi, em projeto financiado pelo CNPq. O projeto, a princípio, é uma tese que vai ser lançada em junho, mas o pesquisador deverá prosseguir em outros aspectos. Luis, centralizou seus estudos no município de São Gabriel da Cachoeira, com a ajuda da informante Leni Maria da Silva, natural do Amazonas. Leni trabalhava na casa do pesquisador e falava dheengatu.

O pesquisador conta que até o século XVII, pouco menos no século XVIII, havia pessoas nas grandes cidades Amazônicas que só falavam o dheengatu. Hoje, em São Gabriel da Cachoeira, há uma população estimada em 20 mil habitantes, sendo que um quarto desta população vive na sede do município, o resto é composto por elementos indígenas. Lá, o dheengatu é falado pela população, mas sem muita intensidade como o português.

Conta Luis que, além disso, três fatores são responsáveis pelo desaparecimento da língua: a igreja, as forças armadas e a mídia. Os Salesianos estão há mais de um século na região, envolvidos com o projeto de aportuguesamento e colonização dos povos indígenas, através da educação nas escolas. Aos poucos, eles vão deixando os hábitos tribais e adotando comportamentos "civilizados".

As Forças Armadas, Exército e Aeronáutica, cumprem o projeto de Integração Nacional, onde a brasilidade fala mais alto e, num ideal de homogeneização da cultura brasileira, desconhecem as especificidades de cada região. Desconhecem que não existe um Brasil e sim vários.

A mídia completa a trilogia de homogeneização cultural com base na cultura branca e no capitalismo. Os programas de televisão que chegam a São Gabriel da Cachoeira são os mesmos assistidos pela população que habita o bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro. As girias faladas nas novelas se confundem com o dheengatu e são até mais fortes que a própria língua.

Luis Borges, de posse de sua pesquisa, que a cada dia toma proporções maiores, ao se defrontar com as pressões exercidas pela conjugação destes fatores, em nome da democracia, conclui: "Democracia é garantir e assumir a pluralidade da Nação. Assumir o plurilingüismo, por exemplo". No mês de agosto, Luis Borges, ao lado de outros estudiosos de Lingüística, estarão reunidos, em Manaus (AM), para discutir assuntos referentes ao dheengatu.